



O homem que, por acaso, também é Romeiro

É difícil falar sobre romeiros e romarias sem cair nos clichês habituais, envoltos de conceitos poéticos e históricos, centrados em descrições de abnegação, altruísmo e humildade. Porém, é de fácil percepção e compreensão, que, estes mesmos clichês ou chavões, são a pedra basilar, na qual, se funda esta manifestação de fé quaresmal e muito micaelense.

Certo é, que, na passagem das areias na ampulheta do tempo, as romarias encarnam e despoletam sensações mui diferentes das que as impulsionaram originalmente. No século XVI, estas germinam inocentemente, fundadas num acordo lavrado, em plano direto com a entidade divina. As romarias nascem plenas duma pia noção de apaziguamento a um “castigo divino”, que, na altura, assumiu a forma violenta de diversos cataclismos naturais aliados à peste, como tão bem descreve Gaspar Frutuoso, na obra “Saudades da Terra”. O povo assombrado pela culpa, atormentado e receoso na alma, lança-se ao caminho em necessidade e impulso de sacrifício para aplacar este mesmo “castigo”. Não estou, de forma alguma, a diminuir as razões de então, nem por ventura, as de agora, mantendo sempre, a firme convicção, de que, todas as razões para a incorporação num rancho, são válidas e que, o romeiro é uma necessidade individual de Deus.

Porquê individual? Porque o “romeiro” é um homem, é uma alma! Não é uma instituição ou um conceito, muito menos um santo, ou tão pouco, um cidadão exemplar, até porque, naquele contexto muito próprio, existe uma pública assunção da



Luís H. Bettencourt Reis

sua dimensão de pecador, uma busca da conversão do seu coração e dos outros.

Daí propor uma pequena reflexão sobre “O homem que, por acaso, também é romeiro”.

Não se iludam nem tirem ilações precipitadas, não tenho pretensões filosóficas, nem tão pouco, sou a pessoa mais indicada para tal, mas, por acaso, também sou romeiro e gosto de pensar nestas coisas da vida e do espírito.

Venham lá comigo, este texto é para todos.

O homem, rapaz ou até idoso, que se propõe a integrar um rancho de romeiros, não traz consigo desde a sua génese, insígnias religiosas incrustadas no corpo, não lhe foi ditado um fado à nascença, nem o participar nas romarias é, por ventura, um destino a cumprir, como se se tratasse de um enviado especial de Deus à Terra, é pois, um processo muito humano e por vezes longo.

Se me perguntassem há vinte e poucos anos se queria ser

romeiro, a resposta seria provavelmente, como uma vez ouvi: - *Comprei um carro para não andar a pé!* No entanto, se a mesma pergunta fosse feita hoje, replicaria imperativamente, que estas duas últimas quaresmas que se passaram, foram incompletas na sua dimensão vivencial e espiritual. Pois, a pandemia não me permitiu saborear o amargo do pó da estrada e o doce da lágrima partilhada com os meus irmãos romeiros, os quais, curiosamente, também são homens como eu, com o seu trabalho, com a sua vida, e que, por acaso, também são romeiros.

Entre aqueles homens que seguem nos caminhos duros de São Miguel, dolorosos e soturnos, entoando a telúrica e gutural *Avé-Maria*, por entre cerrados e chãs, está o Costa, que é funcionário público e pai de duas lindas meninas adolescentes.

No meio daqueles homens abraçados pelo negro xaile, que os protege da chuva e do sol, do vento e do frio, encontra-se o Hélder, lavrador há quarenta anos, que discute diariamente o seu Benfica, com um pai em final de vida.

O Simão, pedreiro de profissão e bombeiro voluntário, utiliza o mesmo manto negro enquanto o rancho faz uma pausa da caminhada, para se cobrir do frio da lua, por breves e fugazes minutos, enquanto engana o sono, no relento das madrugadas.

Aqueles vultos sombrios que, com o olhar a arrastar pelo chão de terra, asfalto e muitas vezes lama e ribeiras, são também o Xico que é chefe das descargas numa superfície comercial, divorciado e um apaixonado pelo

parapente; o Rui de dezoito anos, que é estofador na empresa do pai, porque achava que não tinha jeito para estudar ou até o José, que se encontra desempregado há quase um ano.

O Tiago e o Rodrigo nasceram com três anos de distância, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, mas o que um faz, o outro copia. Também estes, seguem ornados com um lenço colorido na cabeça ou aos ombros, com o apoio físico do bordão numa mão e o apoio espiritual do rosário na outra.

Todos eles, assim como eu, o Luís, músico e pai de um rapazote de 10 anos chamado Henrique, um dia, sentiram uma faísca que os atraiu a vivenciar os frutos da romaria. Muitas vezes, esta acendalha apresentase tênue, outras porém, bruta, assaltante e inequívoca, como se duma chapada na cara se tratasse. No meu caso, identifiquei no momento em que vi o meu falecido pai José Fernando, que por sua vez, era funcionário de uma companhia aérea e jogava futebol às sextas-feiras com os amigos, vestido com um xaile e lenço, bordão numa mão e terço na outra, a dirigir-se, numa madrugada fria, para a Igreja de São José em Ponta Delgada, para incorporar a romaria da mesma. As coisas que aquele homem se lembrava de fazer. (A tua bênção, meu pai...)

Agora ele, por acaso, também era romeiro! “Ai a minha vida”, já diziam os Xutos & Pontapés, também homens, mas que, por motivos geográficos, não tiveram contacto com os romeiros desde tenra idade, se não, quem sabe se não teríamos também um romeiro chamado Tim, ou Calú!?

Verdade seja dita, os micaelenses - qual povo afortunado - sempre se habituaram a ter um colega de escola que desaparecia durante uma semana para “rezar”; um amigo que não podia vir jogar à bola porque estava para “fora”; o acumular de tarefas no trabalho, porque um colega tirou uma semana de férias em março. Quem é que, no seu perfeito juízo, tira férias em março? Tira férias em março, fevereiro ou até abril, o homem que, por acaso, também é romeiro, e fá-lo consoante o calendário da Quaresma, mediante a Páscoa ser “alta” ou “baixa”.

É pertinente como, durante o restante ano, as pessoas não vêem fisicamente o “romeiro”, mas associam o Homem ao conceito: “*O João que faz os torresmos na charcutaria sai no rancho do “Carlins” da Lomba...*” ou “...*a mulher do irmão Mestre Xico dá dias em casa da minha madrinha na Fajã*”.

Existe, consequentemente, um denso fenómeno, um certo conceito de “santidade”, atribuído, de forma inconsciente pela sociedade, a estes homens, que, por acaso também são romeiros, o qual, e, derivado do mesmo conceito, despoleta uma sensação recorrente de “traição” conceptual ou quiçá, desilusão, quando nos apercebemos que estes homens, não são santos ou perfeitos, e que falham, como



FOTO FERNANDO RESENDES

todos os outros homens e mulheres, que, por acaso, “não” são romeiros.

- Como é que um homem que é romeiro, que segue por esta ilha fora, a rezar nas igrejas, em devoção aos santinhos todos, chega ao seu trabalho e trata de forma bruta os seus funcionários? Fá-lo porque é um homem, que por acaso, também é romeiro, e que, está sujeito às mesmas pressões e imperfeições mundanas, como a restante humanidade.

- *Aquele vai naquela semana da romaria como se fosse um santo, depois passa a vida no tanco a beber. Grande romeiro é esse!* - Não deixa de ser um homem, que por acaso, também é romeiro, e que, luta contra os

mesmos “demónios” dos vícios, como tantos outros.

Todos nós, Homens (humanidade), novos, velhos, teimosos, intransigentes ou até dóceis, meigos, atenciosos, somos precisamente isso: Homens (humanidade), na sua condição moldável permeável, falível e imperfeita.

Somos pessoas revestidas de situações e contextos muito próprios e individualizados, reflexos de uma vida de expectativas, frutos da nossa educação e trato, somos resposta a diversos fatores geográficos e económicos. Quedamo-nos alicerçados em situações peculiares e particulares da nossa família, de cariz religioso e até social. Eternamente colo-

cados, no topo de um bolo de conceitos da sociedade, na sua multitudine de linguagens e caligrafias, somos nós próprios, como a irmandade espiritual com que aquece o peito durante aquela semana, com a firme certeza que, ao seu lado, segue outro homem-romeiro, que o ajudará num piscar de olhos, sem pensar nem pestanejar. Alguém que lhe carregará a cevadeira numa grota difícil, emprestar-lhe-á o bordão para auxiliar nos trajetos mais agrestes, alguém que lhe cederá um ombro para acolher uma lágrima exaurida e dolorosa. Comum, porém, é também sermos - os homens que, por acaso, também são romeiros, e estes sim, são os que

tomam boas ou más decisões, são os que julgam e os que compreendem, são os que antagonizam e os que apaziguam. Recordo uma breve mas deliciosa reflexão, dum antigo Irmão Mestre de Romeiros, que me é muito querido: “Quando era pequeno, queria tanto ser santo, olhei para as imagens na igreja da minha terra, e, ao reparar que todas tinham a cabeça ligeiramente inclinada, assim o fiz. Andei o dia todo de cabeça à banda e serviu de quê? De nada! Não me tornei santo e pior, agora tinha uma dor de pescoço.” O mesmo pode ser aplicado ao “romeiro” e à sua romaria, se não tentarmos assimilar e resgatar o seu fundamental conceito invisível, nada seremos ao fim daquela semana de caminhada, senão um homem exausto fisicamente, com uma indumentária data-da e inútil.

O homem, que, por acaso também é romeiro, vive com conceitos e necessidades muito peculiares e muito nobres, como a irmandade espiritual com que aquece o peito durante aquela semana, com a firme certeza que, ao seu lado, segue outro homem-romeiro, que o ajudará num piscar de olhos, sem pensar nem pestanejar. Alguém que lhe carregará a cevadeira numa grota difícil, emprestar-lhe-á o bordão para auxiliar nos trajetos mais agrestes, alguém que lhe cederá um ombro para acolher uma lágrima exaurida e dolorosa. Comum, porém, é também sermos - os homens que, por acaso, também são romeiros, e estes sim, são os que

destaque, mais vaidoso mas não menos humano, como o “bater no peito”, anunciando o número de romarias já completadas. É quase como, se de um *Curriculum Vitae* se tratasse, e, como se este total, nos imprimissem ou nos atribuíssem mais autoridade.

O romeiro não se torna melhor por ser mais ou menos “veterano”, por ter apanhado mais ou menos chuva, por saber mais ou menos orações ou até por visitar mais ou menos igrejas. O romeiro é melhor, pelo homem que é! O “tal”, que por acaso, também é romeiro.

Não nos esqueçamos deste homem, concentremo-nos em fazer crescer quem está a sustentar o “romeiro”. Cultivemo-lo na humildade, na temperança e na entrega ao próximo.

Sejamos despreziosos enquanto homens e virtuosos como romeiros, grandes na fé dos nossos anónimos avós.

Em 1968, Manuel Inácio de Melo (1898-1986), grande embaixador das romarias quaresmais e notável jornalista, escreveu:

“Ao vermos passar um rancho de Romeiros, não avaliamos a soma de sacrifícios que ali vai. Não cumprindo uma promessa feita em horas tristes da vida, e quem as não tem?” Ele, o M.I.M., que por acaso, também foi romeiro.

Que Deus abençoe a todos, na Paz e na Saúde. ♦

Um homem que, por acaso, também é romeiro.

Luís H. Bettencourt Reis

Quem é quem num Rancho de Romeiros?

O **Mestre** é o primeiro responsável do Rancho.

Superintende tudo o que é necessário para o bom êxito da Romaria.

Alguns dias antes, organiza detalhadamente a preparação da Romaria, tanto na vertente técnica como na Espiritual. Amiúde também convida sacerdotes e leigos para proferirem palestras sobre temáticas específicas. Juntamente com o Con-

tra-Mestre nomeia os colaboradores do Rancho. Procura o bom entendimento entre todos os irmãos, fomentando uma relação harmoniosa, pacífica e disciplinada. Zela pelo cumprimento das orações pedidas. Delega e designa quem poderá fazer as orações ao longo da caminhada.

É o responsável e coordenador no acolhimento digno aos Ranchos que pernoitam na sua paróquia. Dentro do possível,

organiza e prepara encontros no pós-romaria, procurando despertar e capacitar os diversos Romeiros para uma ação profícua nas diversas vertentes da vida paroquial, concretizando, deste modo, o Objeto Social, descrito no artº 3º dos Estatutos do MRSM.

Organiza e prepara encontros no pós-romaria, procurando despertar e capacitar os diversos Romeiros a uma ação profícua nas diversas vertentes da vida paroquial, concretizando o Objeto Social, descrito no artº 3º dos Estatutos do MRSM. ♦

DR. JOÃO CARLOS LEITE



FOTO LUIZ FERREIRA